

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Chaperone*

Autora: *Laura Moriarty*

Copyright © 2012 by Laura Moriarty

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Marta Mendonça*

Capa: © *RA/Lebrecht Music & Arts – Louise Brooks, circa 1927. Atriz americana, modelo e corista, 14 novembro 1906 – 8 agosto 1985.*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, agosto, 2014

Depósito legal n.º 378 233/14

Reservados todos os direitos  
para Portugal à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## PARTE UM

*Quando uma mulher bela se perde na loucura, há sempre alguém disposto a perder-se com ela, mas nem sempre quem a ajude a encontrar de novo o lugar a que pertence.*

«MR. GRUNDY»,  
*Atlantic Monthly*, 1920

*Entusiasmava-o também saber que muitos homens já tinham amado Daisy — o que, aos seus olhos, aumentava o valor dela.*

F. SCOTT FITZGERALD,  
*O Grande Gatsby*, 1925

*Não existe Garbo! Não existe Dietrich! Existe apenas Louise Brooks!*

HENRI LANGLOIS,  
1955

## UM

A primeira vez que Cora ouviu o nome Louise Brooks estava estacionada em frente à biblioteca de Wichita, num *Ford Modelo T*, à espera de que a chuva parasse. Se Cora estivesse sozinha, e sem nada nas mãos, talvez tivesse atravessado o relvado a correr e subido as escadas de pedra da biblioteca, mas ela e a amiga Viola Hammond tinham passado a manhã na vizinhança, de porta em porta, a recolher livros para a nova sala infantil, e o resultado avultado dos seus esforços encontrava-se seco e a salvo dentro de quatro caixotes, no banco de trás do carro. A tempestade, mentalizaram-se elas, seria de pouca duração, e não podiam arriscar molhar os livros.

Além disso, pensou Cora enquanto contemplava a chuva, não era como se tivesse alguma coisa para fazer. Os seus filhos já tinham partido para trabalharem, durante o verão, numa quinta nos arredores de Winfield. No inverno ingressariam na faculdade. Cora estava ainda a acostumar-se ao silêncio, assim como à liberdade, dessa nova fase da sua vida. Agora, muito depois de Della se ir embora, a casa continuava limpa, sem pegadas de lama no chão ou discos espalhados à volta do gramofone. Não havia discussões sobre o carro, jogos de ténis no clube para apoiar nem trabalhos escolares para rever e elogiar. A despensa e o frigorífico estavam sempre cheios de comida, sem ser necessário ir diariamente à mercearia. Hoje, estando Alan no trabalho, ela não tinha nenhum motivo para voltar para casa a correr.

— Ainda bem que viemos no meu carro e não no teu — disse-lhe Viola, ajustando o chapéu, muito bonito, de aba estreita e com

uma pena de avestruz que pendia em caracol da copa. — Dizem que os carros fechados são um luxo, mas não num dia como este.

Cora esboçou o que esperava que fosse um sorriso modesto. O carro não só era coberto como também tinha um motor de arranque elétrico. «Os carros à manivela não são para senhoras», rezava o anúncio, embora Alan admitisse que também não tinha saudades nenhuma de dar à manivela.

Viola virou-se e olhou para os livros no banco de trás.

— As pessoas foram generosas — disse ela. Viola era uma década mais velha do que Cora, com o cabelo a ficar grisalho nas têmporas, e falava com a autoridade dos anos que tinha a mais. — A maioria. A Myra Brooks nem sequer nos abriu a porta.

Cora não se apercebera. Tinha estado a trabalhar do outro lado da rua.

— Se calhar não estava em casa.

— Eu ouvi o piano. — Viola voltou o olhar para Cora. — Nem se deu ao trabalho de parar de tocar quando bati à porta. Mas devo dizer que tem imenso jeito.

Um relâmpago irrompeu no céu do ocidente e, embora ambas as mulheres tivessem estremecido, Cora sorriu distraidamente. Sempre gostara das tempestades de fim de primavera. Surgiam de repente, soprando da pradaria numa coluna de nuvens em expansão, um resgate agradável do calor crescente do dia. Uma hora antes, quando Cora e Viola estavam a recolher livros de porta em porta, o Sol estava quente e o céu azul. Agora a chuva caía com força suficiente para arrancar as folhas verdes do enorme carvalho em frente à biblioteca. Os lilases tremiam e abanavam.

— Não a achas uma grande snobe?

Cora hesitou. Não gostava de coscuvilhices, mas também não considerava Myra Brooks propriamente sua amiga. Tinham participado juntas numa série de reuniões sufragistas. E haviam tomado parte em manifestações de rua. Porém, se se cruzasse com Myra na Douglas Avenue, nem um olá receberia. Ainda assim, nunca o interpretava como um sinal de snobismo, Myra apenas não registava a existência dela e havia a possibilidade de nem ser nada pessoal. Cora havia reparado que Myra Brooks nunca olhava para

ninguém, a não ser que estivesse a falar e quisesse ver a impressão que estava a causar nos outros. No entanto, como é óbvio, toda a gente olhava para ela. Era possivelmente a mulher mais bonita que Cora já conhecera: tinha a pele clara e imaculada, os olhos grandes e escuros, e imenso cabelo, forte e escuro. Era sem dúvida uma talentosa oradora — a sua voz nunca se esganiçava e falava com uma dicção perfeita. Mas toda a gente tinha a noção de que era o aspeto físico de Myra que fazia dela uma porta-voz particularmente favorável para o Movimento, um ótimo antídoto para a visão que os jornais tinham do que era uma sufragista. Além de que se percebia que era uma pessoa inteligente e culta. Sabia tudo e mais alguma coisa sobre música e as obras de todos os compositores famosos. E sabia ser encantadora. Certa vez, enquanto falava no púlpito, baixara o olhar para Cora, olhando-a diretamente nos olhos, e sorria-lhe como se fossem amigas.

— Não a conheço muito bem — replicou Cora. Tornou a espreitar pelo para-brisas turvo e viu pessoas a desviarem-se de um elétrico, correndo para se abrigarem. Alan tinha apanhado o elétrico para o trabalho, para que ela pudesse ficar com o *Ford*.

— Então ficas já a saber: a Myra Brooks é uma snobe pavorosa. — Viola voltou-se para Cora com um leve sorriso, a pena de aves-truz roçando-lhe no queixo. — Posso dar-te um exemplo recente: ela mandou um recado à secretária do nosso clube. Ao que parece, a *Madame* Brooks anda à procura de alguém para acompanhar uma das filhas a Nova Iorque este verão. A mais velha, Louise, foi aceite numa prestigiada escola de dança, mas ainda só tem quinze anos. A Myra quer que uma de *nós* a acompanhe. Durante mais de um mês! — Viola parecia agradavelmente indignada, com as faces muito rosadas e os olhos a cintilar. — Francamente! Não sei que ideia é a dela. Pensa que somos empregadas dela ou quê? Que uma de nós irá fazer de ama irlandesa? — Ela franziu o sobrolho e abanou a cabeça. — A maior parte de nós tem maridos modernos, mas não estou a ver nenhum deles a prescindir da mulher durante mais de um mês, ainda por cima para ir para Nova Iorque. A Myra deve estar demasiado ocupada para poder ir. Tem de se passear pela casa e tocar piano.

Cora cerrou os lábios. *Nova Iorque*. Sentiu a velha dor de imediato.

— Bem, ela tem mais filhos para criar.

— Pois tem, mas não é esse o motivo. Ela não cria os filhos. Aquelas crianças não têm mãe. A pobre Louise vai à catequese sozinha. O catequista é o Edward Vincent e ele vai buscá-la e levá-la a casa todos os domingos. Foi a mulher dele que mo contou. A Myra e o Leonard são presbiterianos, mas nunca se veem na missa, pois não? São demasiado sofisticados, entendes? E também não obrigam os outros filhos a ir.

— Só fica bem à filha, o facto de fazer o esforço para ir sozinha. — Cora inclinou a cabeça para o lado. — Não sei se a conheço...

— À Louise? Oh, se a conhecesses, lembravas-te. É muito diferente. Tem o cabelo preto com o da Myra, mas completamente liso, como o cabelo dos orientais, e usa-o como a Buster Brown. — Viola indicou com a mão a zona abaixo das orelhas. — Mas não fez o corte à tigela. Já o tinha assim quando se mudaram para cá, há vários anos. É demasiado curto e austero, um visual horrendo e nada feminino, na minha opinião. Mas, mesmo assim, tenho de admitir que é uma rapariga muito bonita. Mais bonita do que a mãe. — Ela sorriu, recostando-se no assento. — Há alguma justiça nisso, julgo eu.

Cora tentou imaginar a rapariga de cabelo preto, ainda mais bonita do que a mãe já de si tão bela. Levou a mão enluvada à parte de trás do seu próprio cabelo, que era escuro, mas não demasiado. E não era nada liso, embora tivesse um aspeto apresentável, esperava ela, preso sob o chapéu de palha. Haviam-lhe dito que tinha um rosto simpático e agradável, e que tinha sorte por ter uns dentes tão bons. Mas daí a possuir uma beleza deslumbrante... E já tinha trinta e seis anos.

— As minhas filhas também andam a ameaçar cortar o cabelo — disse Viola, com um suspiro. — Que disparate. Essa história do corte à tigela é apenas uma moda. Quando passar, todas as pessoas que foram na conversa vão ter de esperar anos até o cabelo voltar a crescer. Eu tento avisá-las, mas não me ligam nenhuma. Riem-se

de mim. E têm uma linguagem própria, um código secreto entre elas e os amigos. Sabes o que é que a Ethel me chamou no outro dia? «*Wurp*». A palavra nem sequer existe. Mas quando lhes digo isso, elas riem-se.

— Fazem-no para te irritar — respondeu-lhe Cora, com um sorriso. — Tenho a certeza de que não vão cortar mesmo o cabelo. — Aliás, era pouco provável. As revistas estavam cheias de raparigas com cabelo curto, mas em Wichita os cortes à tigela eram ainda raros. — Até acho que fica bem a certas raparigas — disse Cora, timidamente. — O cabelo curto, quero eu dizer. Deve ser bastante fresco e leve. Imagina só... Podias deitar fora os ganchos todos.

Viola fitou-a com o sobrolho arqueado.

— Não te preocupes, não vou cortar o meu. — Cora tornou a levar a mão à parte de trás do pescoço. — Se fosse mais nova, talvez.

A chuva caía com maior velocidade, batendo com força no tejadilho do carro.

Viola cruzou os braços sobre o peito.

— Bem, digo-te já que se as minhas filhas cortarem o cabelo não é para se livrarem dos ganchos. É para provocarem. Para terem um *ar* provocador. Hoje em dia a moda é essa. É isso que interessa à gente nova. — Ela parecia subitamente perturbada, mais confusa do que indignada. — Não percebo, Cora. Eduquei-as para serem raparigas decentes. Mas agora, de repente, andam as duas obceçadas em mostrar os joelhos ao mundo. Sobem as saias assim que saem de casa. Percebo-o por causa das cinturas. Sei que me desobedecem. E também baixam as meias. — Ela olhou para a chuva e rugas formaram-se debaixo dos seus olhos. — Só não percebo porquê, o que é que se passa nas cabecinhas delas, porque é que não se preocupam com a imagem que estão a dar. Quando era nova nunca senti necessidade de mostrar os joelhos para toda a gente ver. — Abanou a cabeça. — Aquelas duas dão-me mais dores de cabeça do que os meus quatro rapazes. Invejo-te, Cora. Tens sorte por só teres rapazes.

Talvez, pensou Cora. Ela adorava a masculinidade dos gémeos, a saúde robusta e a autoconfiança deles, o gosto prático no que

dizia respeito a roupa, a forma como se reconciliavam facilmente após acesas discussões. Earle era mais pequeno e mais calmo do que Howard, mas até ele parecia capaz de esquecer todas as preocupações quando tinha uma raqueta ou um taco na mão. Ela tinha ficado encantada com o facto de ambos terem decidido ir trabalhar para uma quinta, encarando-o como uma aventura na vida no campo e no âmbito do trabalho físico, embora receasse que não fizessem ideia da labuta que tinham pela frente. E tinha noção de que tivera imensa sorte com os filhos, não apenas no sentido a que Viola se referia. Os Henderson, da casa ao lado da sua, tinham um filho apenas quatro anos mais velho do que os gémeos, mas esses poucos anos tinham feito toda a diferença — Stuart Henderson fora morto no início de 1918, enquanto combatia em França. Quatro anos depois, Cora ainda ficava pasmada só de pensar no assunto. Para ela, Stuart Henderson seria eternamente um adolescente desengonçado, sorrindo e acenando da bicicleta aos filhos dela, que na altura eram pequenos, ainda vestiam calções. Na verdade, a sorte que ela tinha tido com os filhos parecia ser uma questão temporal.

Mas, não obstante as lamúrias de Viola, Cora estava convencida de que teria tido o mesmo resultado positivo com filhas. Era possível que tivesse tido jeito para raparigas, utilizando a combinação certa de conhecimento e compreensão. Talvez Viola não estivesse a fazer as coisas da melhor forma.

— Digo-te uma coisa, Cora, passa-se alguma coisa com esta nova geração. Não se interessam por nada de importante. Quando éramos novas, queríamos o direito de voto. Queríamos reformas sociais. As raparigas de hoje só querem... andar de um lado para o outro praticamente despidas para que olhem para elas. É como se não tivessem uma vocação.

Cora não podia discordar. Era realmente chocante a quantidade de pele que as raparigas mostravam nos dias que corriam. E ela não era uma pudica, nem uma *Mrs. Grundy*; e estava certa de que também não era uma «*wurp*», embora não soubesse o significado dessa palavra. Cora ficara satisfeita quando as bainhas subiram até vinte centímetros acima dos tornozelos. Viam-se as pernas, sim, mas essa mudança parecia-lhe sensata: para trás ficavam as saias

que se arrastavam pela lama e levavam a tifoide, e sabe-se lá mais o quê, para dentro de casa. E a altura da barriga da perna era preferível às ridículas saias travadas com que ela própria se havia debatido em nome da moda, não há muito tempo. Ainda assim, as raparigas agora usavam saias tão curtas que sempre que o vento soprava os joelhos ficavam à mostra e não havia qualquer motivo prático para tal. Viola tinha razão: uma rapariga que usasse uma saia tão curta fazia-o apenas para que a olhassem, para ser olhada *dessa tal maneira*. Cora tinha inclusivamente visto umas mulheres da sua idade com os joelhos à mostra, ali mesmo em Wichita, e, sinceramente, na sua opinião, essas mães de família meio despidas tinham um ar particularmente ordinário.

Viola fitou-a com os olhos a brilhar:

— Por isso é que me vou juntar ao Klan.

Cora virou-se para ela:

— O quê?

— O Ku Klux Klan. Enviaram um representante ao clube, na semana passada. Que pena não teres lá estado, Cora. Eles querem muito que as mulheres participem, que assumam cargos de importância.

— Acredito — murmurou Cora. — Afinal de contas, já votamos.

— Não sejas cínica. Foram bastante mais específicos do que isso. Sabem que há questões femininas importantes em jogo e que as mulheres precisam de participar na luta. — A pena de avestruz abanava enquanto ela falava. — São contra toda esta modernização, estas influências externas nos nossos jovens. Estão interessados na pureza racial, claro, mas também querem ensinar a pureza individual às jovens. Temos mesmo de manter a nossa raça pura e, por Deus, temos de lhe dar continuidade. O meu cunhado diz que se avizinha uma autêntica tomada de poder e que está a ser planeada na cave do Vaticano. É por isso que os católicos têm tantos filhos, sabes, enquanto a nossa gente tem um, dois ou até mesmo nenhum...

Viola não acabou a frase. Contraiu os lábios. Cora demorou algum tempo a perceber.

— Peço desculpa — disse Viola. — Não me referia a ti. A tua situação é diferente.

Cora desvalorizou a afirmação dela. Os gémeos eram os seus únicos filhos. Mas ela e Viola ficaram em silêncio durante algum tempo, e só se ouvia a chuva que caía.

— Seja como for — disse Viola, por fim. — Acho que seria bom para as miúdas. Conviverem com gente boa e decente.

Cora engoliu em seco, sentindo um pouco de falta de ar. Há tantos anos que usava diariamente um corpete que quase não sentia desconforto. Parecia fazer parte do seu próprio corpo. Mas, em momentos de angústia, tal como agora, sentia uma pressão na caixa torácica. Teria de escolher as suas palavras com muito cuidado. Não podia dar a entender que estava preocupada.

— Não sei — replicou ela, num tom de voz jovial que não a denunciava. — Oh, Viola, o Klan? Eles usam aqueles fatos brancos e os capuzes com os buracos assustadores para os olhos. — Agitou as mãos enluvadas. — E têm feiticeiras e feiticeiros e fazem fogueiras. — Ela sorriu e olhou de relance para os olhos azuis e pequenos de Viola, tentando decifrar o que lhe iria na mente. Tinha de avaliar as suas opções, perceber a melhor forma de alcançar o seu objetivo. Viola era mais velha, mas Cora era mais rica. Podia ir por aí.

— Não sei, parece-me um pouco... vulgar. — Ela encolheu os ombros, num gesto defensivo.

Viola inclinou a cabeça para o lado:

— Mas imensas pessoas estão a...

— Exatamente. — Cora tornou a sorrir. Havia escolhido a palavra certa. Era como se estivessem às compras no Innes Department Store e Cora tivesse manifestado o seu desagrado em relação a um determinado modelo de louça. Ela já sabia, com toda a certeza, que Viola iria reconsiderar.

Quando a chuva acalmou, elas saíram do carro e levaram as caixas para a biblioteca, evitando as poças de água, cada mulher fazendo duas viagens. Lá dentro, enquanto esperavam pela funcionária, conversaram sobre outros assuntos. Folhearam um exemplar novinho em folha de *Alice no País das Maravilhas* e sorriram ao verem as ilustrações. Pararam no Lassen Hotel para tomar um chá e depois Cora levou Viola a casa.

Anos mais tarde, essa simples viagem até casa, na companhia de Viola, faria parte da história em que Cora perderia momentaneamente o respeito por uma sobrinha-neta que adorava. A sobrinha-neta, que, a propósito, aos dezassete anos usava o cabelo bastante mais comprido do que a mãe dela gostava, ficaria frustrada a ponto de desatar a chorar pelo facto de em 1961 ainda não ter idade suficiente para se juntar às ativistas pela libertação do Sul. Era frequente repreender Cora por empregar a expressão «de cor», mas regra geral revelava mais paciência com ela do que com os próprios pais, compreendendo que a Tia Cora não era uma pessoa sem tolerância, apenas uma senhora idosa com uma linguagem incorreta.

Mas a paciência dela foi testada quando ouviu falar em Viola. A sobrinha-neta de Cora não conseguia compreender por que razão a tia-avó continuava a ser amiga de uma mulher que colocava a hipótese de fazer parte do Klan. Seria possível que não soubesse o que eles faziam às pessoas? A sobrinha-neta olhava para Cora com desdém, os olhos com uma expressão resignada e rastos de lágrimas. Não teria ela conhecimento dos crimes cobardes cometidos por eles? Dos homicídios de pessoas inocentes?

Sim, respondia-lhe Cora, mas a Viola acabou por nunca fazer parte da organização. Mas só porque era uma snobe, contrapunha a sobrinha-neta. Não por o Klan ser asqueroso. Os tempos eram diferentes, limitava-se Cora a replicar, defendendo a sua velha amiga, que entretanto há muito havia falecido. (Cancro. Começara a fumar quando as filhas adquiriram o hábito.) Atenta na data, dizia-lhe Cora. Essa tarde chuvosa com a Viola foi no verão de 1922, quando o Klan tinha seis mil seguidores na cidade e Wichita apenas tinha cerca de 80 mil habitantes no total. Não era invulgar para a época. O Klan estava a crescer em várias cidades, em vários estados. Achas que as pessoas dessa altura eram menos inteligentes? Mais mal-intencionadas? Talvez, admitia Cora. Mas é um disparate partir do princípio de que se tivesses vivido na mesma altura não serias culpada do mesmo tipo de ignorância, incapaz de perceberes que era

um disparate. A própria Cora havia escapado a essa estupidez graças às suas circunstâncias especiais. Outras confusões haviam-lhe tomado mais tempo.

Agora também há ignorância que baste, dizia-lhe a sobrinha-neta, e eu topo-a à distância. É verdade, admitia Cora, e tenho muito orgulho em ti por isso. Mas talvez exista ainda mais e tu nem sequer tens noção da sua existência. Entendes o que quero dizer, querida? Para uma pessoa que cresce a conviver com gado, esse odor cheira a ar. Não sabes o que uma pessoa mais nova pensará sobre ti um dia ou que cheiro estaremos a respirar sem que nos apercebamos. Ouve o que te digo, minha querida. Por favor. Eu já sou velha e isto é algo que aprendi.

Depois de ter deixado Viola em casa, Cora conduziu de volta à cidade e estacionou na Douglas, mesmo à porta do escritório de Alan. Ninguém olhou duas vezes na sua direção enquanto saía do carro. Escassos dois anos antes, um dos eventos mais discutidos no Festival de Trigo fora o Desfile das Senhoras Conductoras. Já na altura os organizadores não tiveram dificuldade em encontrar cerca de vinte mulheres ansiosas para mostrarem as suas competências atrás do volante de vários automóveis. Cora conduzira o quinto veículo da fila, com Alan sentado orgulhosamente a seu lado.

Ela teve de fazer força para empurrar a grande porta do escritório e quando conseguiu finalmente abri-la percebeu, e sentiu, porquê. A imensa janela da sala da frente estava escancarada, deixando entrar a brisa fria da chuva, e uma ventoinha elétrica enorme estava apontada para a porta de entrada. À sua esquerda, duas raparigas que ela não conhecia estavam sentadas a datilografar. A secretária de Alan estava sentada atrás de outra escrivãzinha, usando ambas as mãos para dar à manivela de uma máquina de duplicação rotativa. Quando se apercebeu da presença de Cora, parou.

— Oh, Senhora Carlisle! Que bom vê-la!

Cora apercebeu-se de uma pausa nas máquinas de escrever, com as datilógrafas a erguerem a cabeça do trabalho para a fitarem. Não ficou surpreendida com o escrutínio delas. O marido dela era um homem atraente. Cora sorriu para as raparigas. Ambas eram jovens e uma delas era bonita. Mas nenhuma era uma ameaça.

— Deixe-me ir avisá-lo de que está aqui — disse a secretária dele. Envergava um avental manchado de tinta por cima do vestido.

— Oh, não — replicou Cora, olhando de relance para o relógio de pulso. — Por favor não o incomode. São quase cinco. Eu espero.

Mas a porta do gabinete de Alan abriu-se. Ele espreitou para fora e sorriu:

— Querida! Bem me parecia que tinha ouvido a tua voz. Que bela surpresa!

Ele já estava a caminhar na direção dela, com os braços esticados, uma visão e tanto, alto e magro, vestido com o seu fato completo. Era doze anos mais velho do que Cora, mas o cabelo castanho-escuro ainda era farto. Ela deitou um olhar às datilógrafas e reparou que tinha toda a atenção delas, como se fosse a heroína de um filme mudo. Alan inclinou-se e beijou-a na face, com um leve odor a charuto. Pareceu a Cora ouvir alguém suspirar.

— Estás molhada — disse ele, tocando-lhe na aba do chapéu com dois dedos. O seu tom de voz era quase de repreensão.

— Está a choviscar, mas talvez volte em força outra vez. — Ela falava em voz baixa. — Passei por cá para ver se querias boleia para casa. Não queria incomodar-te.

Não havia problema nenhum, assegurou-lhe ele. Apresentou-a às datilógrafas, elogiando as competências delas ao mesmo tempo que a conduzia lentamente até ao seu gabinete, a mão pousada na parte de trás da cintura dela. Havia uns tipos que ele queria que ela conhecesse, disse-lhe, uns clientes novos da empresa petrolífera e de gás. Três homens puseram-se de pé assim que ela entrou e Cora cumprimentou-os educadamente, tentando memorizar os seus rostos e nomes. Estavam encantados por a conhecer, disse um deles: o marido havia-lhe tecido imensos elogios. Cora fingiu surpresa, o seu sorriso tão treinado que parecia real.

E depois eram cinco da tarde, hora de ir embora. Alan apertou a mão aos homens, pôs o chapéu na cabeça, tirou o chapéu de chuva do suporte e, em jeito de brincadeira, deu a desculpa de que tinha de se despachar para apanhar boleia para casa. Os homens

sorriram-lhe, e a ela também. Alguém sugeriu um encontro próximo. A esposa de um deles telefonaria a Cora para definir qual seria a melhor altura.

— Parece-me muito bem — replicou ela.

Quando saíram para a rua, a chuva tinha realmente começado a cair com mais força. Ele ofereceu-se para ir buscar o carro e trazê-lo para a entrada do edifício, mas ela insistiu que não seria necessário desde que partilhassem o chapéu de chuva dele. Correram juntos até ao carro, colados um ao outro, cabisbaixos. Ele abriu-lhe a porta e deu-lhe o braço para ela entrar para o lugar do passageiro, segurando o chapéu de chuva por cima da cabeça dela até Cora se encontrar em segurança no interior da viatura.

No carro, continuaram a ser bastante cordiais um com o outro, embora o ambiente entre os dois fosse realmente diferente quando estavam sozinhos. Ela contou-lhe sobre a biblioteca e a sala de crianças, e ele felicitou-a pela boa ação. Ela disse-lhe que tinha passado a maior parte do dia fora de casa. Teria de aquecer um pouco de sopa para o jantar, mas como tinha ido ao mercado podia fazer uma boa salada, e também havia pão. Um jantar leve seria mais do que suficiente, respondeu-lhe ele. Já não era a mesma coisa, sentarem-se à mesa para comer uma bela refeição agora que os rapazes não estavam em casa, pelo que tinham de se começar a habituar. Se comessem uma refeição rápida, acrescentou ele, poderiam ir ao cinema mais tarde e ver o que estava em exibição. Cora assentiu, animada com a ideia. O seu marido era o único que ia ao cinema com a mulher, para ver o que estava em exibição, e que tinha inclusivamente visto *O Xequê* sem nunca ter revirado os olhos por causa do Valentino. Ela tinha muita sorte, nesse sentido. Era felizarda em vários aspetos.

Ainda assim, ela limpou a garganta:

— Alan. Conheces o Leonard Brooks?

Ficou à espera de que ele acenasse com a cabeça, embora já soubesse a resposta. Alan conhecia todos os outros advogados da cidade.

— Bem — disse-lhe ela —, a filha mais velha foi aceite numa escola de dança em Nova Iorque. Ele e a esposa gostariam que uma mulher casada a acompanhasse. Durante o mês de julho e uma parte de agosto. — Ela cerrou os lábios. — Estou a pensar ir.

Ela fitou-o por uns breves instantes, apercebendo-se da surpresa dele, e tornou a olhar pela janela do carro. Já estavam perto de casa, percorrendo as ruas ladeadas de árvores, passando pelas casas bonitas e os jardins imaculados dos vizinhos. Havia muita coisa de que ela sentiria falta durante a sua ausência: as reuniões no clube e os chás com as amigas, o piquenique de verão em Flint Hills. Iria certamente faltar ao nascimento do quarto filho de uma amiga, o que seria uma pena visto estar planeado ela ser madrinha da criança. Iria ter saudades das amigas, evidentemente, e também de Alan. E das ruas que lhe eram tão familiares. Mas o seu mundo ainda estaria no mesmo sítio quando ela regressasse e essa era a sua oportunidade de partir.

Alan permaneceu em silêncio até estacionar o carro em frente à casa deles. Quando falou, a sua voz soou calma e cautelosa:

— Quando é que decidiste isso?

— Hoje. — Ela descalçou a luva e encostou a ponta do dedo ao vidro, desenhando o trajeto de uma gota de chuva. — Não te preocupes. Eu volto. É só uma pequena aventura. Semelhante aos gémeos terem ido trabalhar para uma quinta. Volto antes de eles regressarem às aulas.

Ela ergueu o olhar para a casa, bonita mesmo à chuva, embora fosse demasiado grande para os dois. Era uma casa construída — e comprada — para uma família numerosa, mas dado a forma como as coisas se haviam desenrolado, nunca tinham chegado a utilizar o terceiro piso, exceto para um quarto de brincar e mais tarde para guardar coisas. Não obstante, mesmo agora com os gémeos fora de casa, nem ela nem Alan queriam vendê-la. Ambos continuavam a gostar da vizinhança sossegada e adoravam a casa em si, a sua forma majestosa vista da rua, com o alpendre a toda a volta e a torre pontiaguda. Diziam que seria bom para os gémeos poderem regressar a uma casa que lhes era familiar. Os quartos continuavam exatamente como os rapazes os haviam deixado, as camas feitas, os livros antigos nas prateleiras, na esperança de os incentivar a regressar sempre a casa nas férias de verão.

— Na cidade de Nova Iorque? — perguntou-lhe Alan.

Ela acenou com a cabeça.

— Algum motivo em particular para queres ir?

Ela virou-se para ele, examinando os seus olhos carinhosos, a cova do queixo barbeado. Era ainda uma rapariga quando vira o rosto dele pela primeira vez. Há dezanove anos que moravam juntos. Ele sabia exatamente qual era o motivo.

— Queria investigar umas coisas — replicou ela.

— Achas que é boa ideia?

— Posso falar com a Della amanhã de manhã e pedir-lhe para começar a vir mais cedo ou para ficar até mais tarde. Ou as duas coisas. — Ela sorriu. — Pelo menos ganhas peso. Ela é muito melhor cozinheira do que eu.

— Cora. — Ele abanou a cabeça. — Sabes bem que não me estava a referir a isso.

Ela desviou o olhar, a mão pousada na porta. A conversa havia chegado ao fim. Ela havia tomado a sua decisão e, como ambos sabiam e muito bem, não havia mais nada a discutir.

## DOIS

Os Brooks moravam na North Jopeka Street, suficientemente perto da casa de Cora para a caminhada demorar menos de um quarto de hora a outra mulher qualquer. Porém, Cora demorou bastante mais porque, como há muito era seu hábito, sempre que ouvia o motor de um carro, erguia o chapéu de sol para ver se era alguém seu conhecido. Quando uma amiga dela, ou um amigo de Alan, fazia a gentileza de parar para lhe oferecer boleia ou para comentar sobre a bela manhã de junho, ela parava de bom grado para conversar durante uns minutos. Gostava das boas relações entre vizinhos, em especial nessa pequena cidade que ainda lhe parecia imensa ao fim de tantos anos. Nessa manhã, contudo, recusou todas as ofertas de boleia, limitando-se a responder que ia encontrar-se com uma amiga.

Mesmo assim, chegou ao destino a horas, tendo saído cedo de casa a contar com as possíveis distrações, e eram exatamente onze horas quando a casa dos Brooks surgiu na distância. Mesmo pintada num tom cinzento monótono, era um edifício que saltava à vista. Num quarteirão repleto de casas grandes, era certamente a maior de todas, os três pisos estendendo-se até metade do beco das traseiras; na verdade, parecia excessivamente grande, demasiado volumosa para o terreno de dimensões medianas. Todas as janelas da frente estavam abertas à exceção de uma, que tinha uma racha irregular ao longo da moldura, talvez demasiado frágil para ser levantada. O relvado circundante havia sido recentemente cortado e uma série de arbustos de lilases, ainda em floração, emoldurava o alpendre de pedra calcária, à sombra. Quando Cora subiu os degraus, um abelhão rodeou-a duas vezes, perdendo o interesse nela e afastando-se a zunir.

Myra abriu a porta com um sorriso e Cora foi lembrada, com alguma surpresa, da estatura relativamente baixa da sua anfitriã. Cora não era propriamente alta e não estava acostumada a baixar o olhar para uma mulher adulta, mas era pelo menos dez centímetros mais alta do que Myra. Nunca a vira como uma mulher de estatura baixa — nunca lhe parecera baixa quando estava no púlpito e falava com a voz baixa típica de uma mulher mais alta. Apesar da sua estrutura pequena, Cora nunca tinha ouvido ninguém descrever Myra Brooks como sendo «gira» ou «adorável» ou mesmo «bonita». Era sempre apelidada de «linda», «fascinante» ou «encantadora». Nesse dia, até o pescoço pálido de Myra parecia comprido, erguendo-se de uma blusa de seda branca com o colarinho liso, e a saia, com a cintura vincada e a modesta bainha imediatamente acima dos tornozelos, fazia o corpo dela parecer ainda mais comprido. Uma mecha de cabelo escuro havia escapado do carrapito, dando-lhe quase pelo ombro.

— Cora. Que bom vê-la. — A voz dela soava calma, melodiosa, quase convincente. Ao telefone, fingira saber quem Cora era. Agora segurava a mão livre de Cora com uma mão e tirava-lhe o chapéu de sol com a outra. — Veio a pé? Com este calor? Incrível. Eu juro que me derreto com este calor.

— A distância é curta — respondeu-lhe Cora, embora sentisse as costas húmidas por causa da transpiração. Retirou o lenço da bolsa e limpou a testa. Myra ficou à espera, ela própria, agora assim de perto, com um aspeto um pouco exausto. Os botões de pérola da sua blusa haviam sido mal abotoados, formando uma abertura extra junto à garganta e deixando uma pérola extra no fim da blusa.

— Venha sentar-se, por favor. Quer uma limonada? Ou um chá? Ah, e peço desculpa pelo estado da casa. — Ela abanou a cabeça, virando-se. — A nossa empregada costuma vir às nove, mas por alguma razão hoje ainda não apareceu. E claro, não tem telefone. — Ela atirou as mãos ao ar e suspirou. — Só me resta esperar que apareça.

Cora acenou com a cabeça, num gesto compreensivo, embora ela própria tentasse sempre dar um jeito à casa antes de Della chegar, para não causar má impressão, para Della não ir para casa dizer à sua gente que a patroa branca era uma desleixada. Enquanto seguia

Myra até à sala de estar, tornou-se evidente que a sua anfitriã não se preocupava com esse tipo de coisa. A sala em si era encantadora, espaçosa e cheia de luz, com uma brisa a entrar pelas duas enormes janelas. Mas estava tudo desarrumado. No chão, num padrão impercetível, via-se uma colher, uma caneta de tinta permanente, uma raqueta de *badminton*, uma calçadeira e também uma boneca despida sem um olho azul. Mais à frente, praticamente debaixo de um lindíssimo sofá brocado, um par de meias sujas estava ao lado de uma cópia aberta de *Candide*. Cora fingiu não reparar nas meias e tentou respirar pela boca. Não obstante as janelas abertas, o cheiro distinto a pão queimado enchia o ar.

Myra deu um suspiro.

— Passei a manhã inteira lá em cima, a trabalhar. Vou dar uma palestra sobre Wagner, para a semana. — Ela parou para apanhar a colher, a boneca e a raqueta. — Os miúdos estão a dar comigo em doida. Nem sequer deviam entrar na sala de estar. Que vergonha. Eu volto já. Chá? Disse que queria chá, não foi? Ou limonada?

Cora pensou um pouco antes de responder. Estava à espera de ver perfeição, salas tão maravilhosas como a própria Myra.

— Pode ser limonada.

Myra transpôs uma porta deslizante, fechando-a atrás dela. Cora ficou onde estava, interrogando-se se deveria pontapear as meias sujas para baixo do sofá. Após um momento de hesitação, fê-lo e depois, satisfeita com o resultado, perscrutou novamente a divisão. Havia livros por todo o lado, reparou. *Latim Simplificado* estava pousado no assento junto à janela, com a fita verde desfiada do marcador a abanar ao vento. Uma pequena pilha de livros estava pousada em cima da mesa de centro. Ela aproximou-se e espreitou os títulos. *Os Poemas de Goethe. Um Artista em Corfu. As Aventuras de Sherlock Holmes. A Origem das Espécies*. Debaixo de uma cadeira estofada, qual pouso de pés, via-se *As Obras Completas de Shakespeare*.

Passos rápidos desceram uma escadaria rangente e, instantes depois, uma criança com cerca de sete anos e o cabelo encaracolado surgiu vinda do átrio, a comer à colherada o que parecia ser

cobertura de chocolate numa chávena de chá. Tinha as faces pálidas cobertas de chocolate, assim como a parte da frente da camisola e a ponta do nariz. Assustou-se quando viu Cora.

— Olá — disse Cora, na sua voz mais carinhosa. — Chamo-me Senhora Carlisle. Sou amiga da tua mãe. Estou só à espera dela.

A rapariga engoliu mais uma colherada de chocolate:

— Onde é que ela está?

Cora acenou com a cabeça na direção da porta deslizante fechada:

— Ali dentro, penso eu.

A porta abriu-se. Myra regressou à sala de estar, com um copo de limonada em cada mão. O seu sorriso desvaneceu-se assim que viu a rapariga.

— O que é que estás a comer, minha querida? — A voz dela permaneceu baixa e calma, embora estendesse os dois copos de limonada a Cora para poder tirar a chávena de chá e a colher das mãos da rapariga. Olhou para o interior da chávena e depois ralhou: — June, isto não é almoço para ninguém. Sabe-lo bem. Vai lavar a cara à casa de banho e depois vai ver onde é que está o Theo.

— Está a jogar *badminton* sozinho — replicou a pequena. — Disse que não precisava de adversário.

— Que disparate. Encontrei a outra raqueta num sítio onde ele não a devia ter deixado e agora está ao lado da porta das traseiras. Depois de lavares a cara vai buscá-la e vai lá para fora, ter com o Theo. A mãe tem visitas. Podes ir.

Posto isso, Myra voltou-se para Cora, novamente a sorrir, e pegou num dos copos de limonada. A sua blusa, reparou Cora, já estava corretamente abotoada.

— Faz favor — disse-lhe ela, fazendo sinal para a poltrona.

— Estou impressionada com a quantidade de livros! — exclamou Cora. Ao sentar-se, teve o cuidado de não dar um pontapé no livro de Shakespeare debaixo da cadeira.

— Oh! — Myra revirou os olhos. — As crianças deixam tudo por todo o lado. Não os podem guardar na biblioteca por causa dos livros de Direito do Leonard. Essa parte da casa está pratica-

mente a afundar-se com a quantidade de livros, e se eles são pesados! — Ela reparou no sorriso de Cora e abanou a cabeça. — Não estou a brincar. A fundação da casa desceu 35 centímetros. Por isso é que as janelas estão a estalar. E ele não quer ver-se livre de um único livro.

Cora tentou pensar numa queixa insignificante para fazer em relação a Alan, em jeito de solidariedade. Mas não lhe ocorria nada passível de comparação. Alan também tinha demasiados livros de Direito, mas se a fundação da casa começasse a ceder sob o peso deles, estava certa de que ele se livraria de alguns.

As duas mulheres entreolharam-se. Cora sentia que deveria ser Myra a iniciar a conversa.

— Que bela menina — disse Cora, acenando com a cabeça na direção da porta deslizante pela qual June havia desaparecido.

— Obrigada. Então espere até ver a Louise.

Cora olhou-a fixamente.

Myra apercebeu-se da expressão dela e encolheu os ombros.

— Calculo que nunca a tenha visto. Peço desculpa, estava apenas a ser sincera. Sinto que o devo fazer, dada a natureza da... missão para a qual se voluntariou. — Ela olhou para Cora com um ar cético. — É importante que saiba que vai ser *chaperon*<sup>1</sup> de uma rapariga não só excepcionalmente bonita como também bastante obstinada.

Cora foi novamente apanhada de surpresa. Ao que parecia, não havia necessidade de conversar sobre o assunto: Myra já havia decidido que Cora seria a *chaperon* adequada. Cora estava à espera de aprovação e inclusivamente gratidão, mas também estava à espera de que Myra lhe colocasse umas perguntas primeiro, numa espécie de entrevista.

— Ouvi dizer que ela é muito bonita — disse Cora.

— E que mais?

Cora endireitou-se.

— Oh! Não me refiro a nada de mal! — Myra inclinou-se para a frente e deu uma palmadinha tranquilizadora no braço de Cora.

---

<sup>1</sup> Palavra de origem francesa que significa «dama de companhia». (N.R.)

Tinhas as mãos grandes para uma mulher tão pequena, com os dedos finos e compridos. — Não a quis alarmar, apenas... imagino que tenha muitos amigos na cidade. — Ela recostou-se novamente, cruzando as pernas junto aos tornozelos. — Ocorreu-me que talvez tivesse falado com a Alice Campbell, por exemplo?

Cora abanou a cabeça. A limonada era demasiado amarga para se beber. Tinha de fazer um esforço para não franzir a boca.

— Ah! Muito bem. A Alice Campbell dá aulas de dança e dicção na Academia de Música de Wichita. — Myra proferiu a última frase como se fosse uma piada por si só. — A Louise estudou com ela durante uns anos. Mas elas não se entendiam, digamos assim. A Senhora Campbell achava-a — ela olhou de relance para uma das enormes janelas, como se procurasse as palavras exatas — uma rapariga mimada, com mau feitio e malcriada. E atribui-lhe mais uma série de adjetivos, se bem me recordo. Seja como for, expulsou a Louise de todas as aulas.

Cora franziu o sobrolho. Ela iria para Nova Iorque. Já havia tomado a decisão. Se voltasse atrás agora, talvez nunca mais fosse. Contudo, essa informação distorcia um pouco a sua ideia da viagem que pensava ter pela frente.

— Não digo que essas coisas não sejam verdade em relação à Louise — continuou Myra, pousando o copo em cima da mesa. — Ou seja, em parte correspondem à verdade. — Ela sorriu. — Eu, melhor do que ninguém, sei bem o quão difícil ela consegue ser. Mas também sei que, por muito dura que a Louise seja com as outras pessoas, é bastante mais dura com ela própria. — Fez um gesto depreciativo com a mão. — Tem um temperamento artístico. E, para ser sincera, é bastante mais talentosa do que a Senhora Campbell alguma vez será, e já há algum tempo que o é. Apercebeu-se disso enquanto ainda era aluna. E o problema foi exatamente esse.

Algo pesado caiu no chão por cima delas. Uma voz masculina gritou:

— Parvo!

Cora olhou para cima. Myra parecia não ter ouvido.

— Está a dizer-me que ela vai ser... malcomportada? — perguntou-lhe Cora.

— Não. Pelo contrário. Quero tranquilizá-la. Sabe, independentemente do temperamento de Louise, a Cora saberá lidar com ela melhor do que ninguém, incluindo eu. Representa a possibilidade de ela ir para Nova Iorque e Louise sabe isso. Quando lá estiverem, continuará a ter uma enorme vantagem sobre ela porque se decidir regressar a casa, ela será obrigada a regressar também. O pai já deixou isso bem claro.

Algures por cima dela ouviu-se o som de vidro a partir-se, seguido rapidamente de um grito feminino, mas gutural. Mais uma vez, Cora olhou para o teto e depois para o rosto imperturbado da sua anfitriã.

— Portanto, na sua companhia — continuou Myra — o nosso leãozinho será tão dócil como um cordeiro. Ela sabe o trabalho que tive para convencer o pai a deixá-la ir, pelo que não porá o resultado em risco. É uma oportunidade fantástica poder estudar com o Ted Shawn e a Ruth St. Denis. Conhece a Denishawn?

Essa última pergunta mais parecia uma reflexão, uma pergunta retórica. Cora quase acenou com a cabeça, mas sentiu que devia ser sincera e abanou-a.

Myra pareceu ficar surpreendida:

— Não conhece a Escola de Dança Denishawn?

Cora abanou novamente a cabeça.

— Bem, trata-se da escola de dança mais inovadora da nação. Não os viu quando vieram cá em novembro? No Crawford?

Cora, agora irritada, tornou a abanar a cabeça. Recordava, vagamente, ter visto publicidade a um grupo de dança, mas nem ela nem Alan estavam interessados. Myra fitou-a com o sobrolho ligeiramente franzido. Era evidente que havia formado uma opinião.

— Então perdeu um grande espetáculo. O Ted Shawn e a Martha Graham eram os protagonistas e foram sensacionais. Nada da fantochada que costumamos ter aqui no interior. — Ela olhou pela janela da frente, ainda com o sobrolho franzido. — A Denishawn faz uma dança moderna que é realmente moderna, artística. As coreografias são inspiradas na Isadora Duncan, mas não totalmente. Eles próprios são bastante inovadores. E são os melhores. — Fez uma pausa, baixando o olhar para as mãos. — Fico muito contente pela Louise.

Cora ouviu claramente um estalo, seguido de um grito que podia ser atribuído a alguém de qualquer gênero sexual. Aclarou a garganta e apontou para o teto:

— Não será melhor... irmos ver o que se passa?

Myra fitou o teto.

— Não vale a pena — murmurou, alisando a saia. — Fique descansada... ela desce já.

Passos ecoaram na escadaria, mais rápidos e ligeiros do que os passos de June.

— MÃE!

Myra não respondeu.

— MÃE!

— Estamos aqui, querida! — exclamou Myra. — Na sala de estar. A sermos civilizadas.

Uma rapariga assomou à entrada, com a mão direita agarrada ao ombro esquerdo e os olhos escuros rasos de lágrimas. Cora não tinha a menor dúvida de que estava a olhar para Louise: mesmo a chorar, com a pele em torno dos olhos inchada de raiva, ela era incrivelmente bonita. Era baixa e pequena como a mãe, com a mesma tez pálida e o rosto em forma de coração, os mesmos olhos e cabelo escuros. Mas o seu queixo era mais firme e as faces eram ainda tão querubínicas como as da pequena June. O cabelo preto fantástico emoldurava-lhe as feições, brilhante e liso e cortado imediatamente abaixo das orelhas, com as pontas a caírem para a frente nos dois lados, formando uma espécie de setas que apontavam para os lábios cheios.

A franja, lisa e grossa, estilo cortina, terminava abruptamente por cima das sobrancelhas. Viola tinha razão. Por muito parecida que fosse com a mãe, a verdade era que a rapariga não se parecia com ninguém.

— O Martin bateu-me — queixou-se ela.

— Bateu-te? — perguntou-lhe Myra. — Ou deu-te um estalo? Ao fim de tantos anos a viver com vocês dois sei ver a diferença, mesmo do piso de baixo.

— Deixou marca e tudo! — Louise tirou a mão e levantou a manga do vestido creme, revelando uma zona na pele que não só

estava vermelha como também começava a formar uma nódoa negra na parte superior. Cora susteve a respiração. Louise olhou para ela, mas apenas por breves instantes.

— Ele é maior do que eu. É mais velho. E estava no meu quarto, a ler o meu diário! Como é que podes tolerar esse tipo de insolência da parte dele? — Ela apontou para o braço. — E violência?

Myra esboçou um sorriso afetado, claramente divertida com o dramatismo das palavras da rapariga. Mas para Cora, as duas perguntas pareciam legítimas. A marca no braço da rapariga estava com péssimo aspeto. Se o tal de Martin era mais velho do que Louise, devia ter uma idade próxima dos gémeos e ela não imaginava Howard ou Earle a baterem numa rapariga mais nova, ou de qualquer idade. Pura e simplesmente nunca o fariam. E se um deles perdesse a cabeça e o fizesse, teria de se haver tanto com Cora como também com Alan, que encarariam o incidente com bastante mais seriedade do que a mulher que continuava a sorrir sentada diante dela.

— A insolência e a violência do teu irmão vão rapidamente deixar de ser um problema para ti — disse-lhe Myra, contendo um bocejo. — E podes guardar o teu diário precioso em Nova Iorque, graças a esta senhora que está aqui. Louise, apresento-te a Cora Carlisle.

A rapariga olhou para Cora. Não proferiu uma palavra, mas a expressão do seu rosto era um misto evidente de repugnância e condescendência. Cora não percebia por que motivo a sua pessoa lhe instigava esses sentimentos. Tivera o cuidado de se arranjar para a visita. Envergava um vestido modesto mas moderno, e até um longo colar de contas. Estava certamente tão bem vestida como Myra. Mas o desdém no olhar da rapariga era mais do que evidente. Era o mesmo modo como uma criança olhava para os brócolos que era obrigada a comer antes da sobremesa, para o quarto que tinha de ser limpo antes da hora da brincadeira. Era um olhar de receio, ainda mais penoso devido à juventude e beleza da rapariga, à sua tez pálida e lábios vistosos. Cora sentiu-se a corar. Há anos que não era alvo desse tipo de condescendência.

Levantou-se rapidamente, estendendo-lhe a mão.

— Olá — disse ela, a sorrir, com os olhos fixos na rapariga. A diferença de altura, decidiu ela, seria uma vantagem. — É um prazer conhecer-te. Espero que façamos uma excelente viagem.

— Prazer em conhecê-la — balbuciou a rapariga. Não tinha tanto jeito para mentir como a mãe. Deu um fraco aperto de mão a Cora e depois tornou a agarrar-se ao braço magoado.

— Lamento o que te aconteceu ao braço. Deve doer imenso.

Estava a ser sincera, mas dissera-o numa voz carinhosa e foi como se tivesse acionado um botão invisível. Os olhos bonitos encheram-se novamente de lágrimas e pareceram olhar para Cora de outra maneira.

— Obrigada — respondeu-lhe ela. — Dói mesmo.

— Ela nunca ouviu falar da Denishawn — disse Myra. Continuava sentada, sorrindo para a rapariga, expectante. Cora sentiu os primeiros indícios de uma forte antipatia.

— Nunca ouviu falar da Denishawn? — Também Louise parecia surpreendida.

— Não — replicou Cora. Esperava que, se fosse perfeitamente clara, elas deixassem de fazer a mesma pergunta.

A rapariga e a mãe trocaram olhares. Ambas fitaram Cora com os olhos escuros idênticos, mais parecidas do que nunca.

— Então porque é que vai? — perguntou Myra numa voz agradável, embora o seu sorriso parecesse antipático. — O que a leva a ir para Nova Iorque?

Cora engoliu em seco. Devia ter antecipado a pergunta e preparado uma resposta. A sua mente foi acometida por associações vagas com a cidade de Nova Iorque: a Estátua da Liberdade. Emigrantes. Contrabandistas. Casas degradadas. Broadway.

— Adoro ver bons espetáculos — retorquiu.

Louise arquejou. O sorriso dela não se parecia nada com o da mãe — o seu prazer era tão sincero como o seu desdém inicial.

— Ótimo! Afinal não é tão má como parece!

Cora não sabia ao certo se se tratava de um elogio.

— O teatro vivo é o máximo. Quero ir a todos os espetáculos da Broadway.

Cora acenou com a cabeça, num gesto de simpatia. Também não desgostava.

Myra inclinou a cabeça para Cora:

— Engraçado, acho que nunca a vi em nenhuma das peças que estrearam cá.

Cora tentou recordar-se de uma peça a que tivesse assistido nos últimos cinco anos. Nada. Tinha preferência pelo cinema, ver os rostos em grande plano. E não se importava de ler as legendas.

— Ela não disse que gostava de teatro local, mãe. — Louise voltou-se para Cora. — Refere-se a teatro de qualidade, não é? Tem toda a razão. Aqui não há nada de jeito e o mesmo se passa com a dança. Mal posso esperar para ver um espetáculo a sério.

— Também eu — replicou Cora. Ela e Louise sorriram uma para a outra. Cora calculou que acabaria por gostar da Broadway.

— Louise, querida — disse Myra, embora continuasse a olhar para Cora —, fico contente por ver que vocês se vão entender. Mas eu e a Senhora Carlisle temos mais umas coisas para discutir.

Louise olhou para a mãe e depois para Cora, como se esperasse perceber qual seria exatamente o tema de conversa. Como não obteve resposta, encolheu os ombros e deu meia-volta para se ir embora. Ao passar pela mesa do centro, pegou no livro que estava em cima da pilha sem sequer olhar para o título. Acenou com a mão que segurava o livro e piscou rapidamente o olho a Cora.

Myra pô-la a par de todos os pormenores: ela e Louise iriam ficar num apartamento junto a Riverside Drive, recomendado pela Denishawn. Leonard já tinha comprado os bilhetes de comboio e tinha pago em adiantado a renda do apartamento, embora, avisou Myra, o melhor seria deixar Louise pensar que ele pagava a renda semanalmente. Cora ficaria encarregue do dinheiro para as despesas; ele dar-lhe-ia o suficiente pelo menos para uma semana quando as fosse levar à estação ferroviária e enviaria o resto conforme ela fosse necessitando. Os fundos não eram propriamente ilimitados, mas ela não precisava de ser especialmente poupada: eles queriam que Louise vivesse a experiência de Nova Iorque ao

máximo ou pelo menos aproveitasse uma grande parte. Museus. Teatros. Restaurantes. No fundo, todo o entretenimento era pouco.

Enquanto Myra lhe explicava tudo isso, Cora começou a simpatizar um pouco mais com ela. Talvez todo o snobismo em relação a Denishawn encobrisse inveja ou simplesmente preocupação maternal. Talvez Myra desejasse poder ser ela a acompanhar Louise. Não devia ser fácil, entregar a filha a uma pessoa meramente conhecida. Além disso, Myra tivera o cuidado de arranjar uma *chaperon*, de exigir a presença de uma. Era por demais evidente que se preocupava. Talvez estivesse apenas ansiosa, como qualquer mãe ficaria.

Quando chegou a hora de se ir embora e ela e Myra estavam paradas no átrio imenso, Cora ganhou coragem para falar.

— Quero que saiba — disse ela a Myra, baixando-se ligeiramente para não se sentir tão alta — que agradeço imenso ter-me contado aquilo sobre a professora de dança, com quem a Louise não se entendia. Mas a verdade é que a sua filha me parece ser uma jovem encantadora. Ouvi dizer que frequenta a minha igreja e tudo.

— Frequentou, sim — retorquiu Myra, secamente.

— Ah! Bem. Seja como for, quero que saiba que não há necessidade de ficar ansiosa por causa da viagem. Sei que disse que tenciono ir ver umas peças, mas garanto-lhe que levarei muito a sério a minha principal responsabilidade. Estou certa de que a Louise é uma rapariga muito correta, mas tudo farei para a manter em segurança.

Myra arqueou as sobrancelhas, sorrindo como se Cora tivesse dito algo com piada.

— O Leonard insistiu que ela tivesse uma *chaperon* — replicou ela, abrindo a porta para a luz do Sol e o calor da rua. Protegeu os olhos com a palma da mão, embora o seu sorriso permanecesse inalterável. — Contratá-la foi ideia dele. A mim só me interessa que ela vá.